

São Paulo, 21 de novembro de 2017.

Caro P. Edson e comunidade educativa do UNISAL.

Lembro-me de que, no discurso que fiz por ocasião da minha tomada de posse como reitor do UNISAL, usei a metáfora de alguns cenários musicais e deixei-me conduzir por ela. Hoje é a ela que gostaria de voltar.

Disse, na época, que em alguns momentos eu teria de ser maestro e conduzir uma orquestra de proporções enormes, composta por músicos muito mais afinados e treinados do que eu. Foi o que aconteceu! A minha responsabilidade foi a de não permitir que a minha batuta compromettesse a execução do trabalho dos artistas.

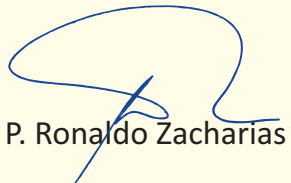
Disse também que, em outros momentos, eu teria de ser músico junto dos demais e afinar-me com toda a orquestra. Reconheço que precisei de bastante treino para conseguir tal intento. Mas contei com a ajuda e a paciência de músicos bem mais experientes do que eu e com a benevolência da plateia. E, juntos, fizemos um belo trabalho.

Disse ainda que, em vários momentos, eu teria de ocupar algum lugar na plateia. Foi preciso tomar distância dos músicos e dos instrumentos para não só captar melhor a beleza da melodia e da execução dos profissionais, como também perceber o instrumento que precisava ser mais bem afinado para que a execução fosse mais harmoniosa. Reconheço que nem todos os ajustes que se faziam necessários dependiam de mim e, por isso, fiz somente o que pude.

Maestro, músicos, plateia... imagens que expressam bem a perspectiva que assumi para atuar nesses anos todos. Aprendi a dançar conforme a música, mas muito consciente da minha responsabilidade. E a melodia que procurei seguir foi a que me levou a acolher sem reservas as pessoas que antes de mim já faziam parte da orquestra, a inserir-me sem restrições nas pautas e nos arranjos compostos, a fazer o possível para facilitar os processos sem interesses pessoais.

Acredito que a missão foi cumprida e que, nesses anos, pude dar a minha contribuição ao UNISAL. Talvez eu não tenha sido o melhor maestro de que ele precisava, mas realizei o que me foi confiado, sem nunca ter-me comportado como dono da orquestra, sem deixar que ela desafinasse ou se acomodasse com um único estilo de música, sem permitir que tocasse apenas o que me agradaria ouvir ou que parte da plateia fazia questão de ouvir. O que foi obra de Deus se prolongará no tempo!

Agradeço imensamente aos meus colaboradores mais próximos. Sem eles, não teria existido orquestra alguma. Agradeço profundamente a confiança depositada em mim. Graças a ela, senti-me encorajado. Reconheço que é a hora de passar a batuta para outro maestro conduzir a orquestra que se agigantou enormemente nesses anos e, quem sabe, compor novos arranjos e escolher outras músicas para o repertório. O que for obra de Deus dará os devidos frutos a seu tempo!



P. Ronaldo Zacharias